

# A produção de leite na agricultura familiar do Sudoeste do Paraná e a participação das mulheres no processo produtivo

## La producción de leche en la agricultura familiar de Sudoeste de Paraná e la participación de la mujer en el proceso de producción

### The milk production in family farms in Southwestern Paraná and the participation of women in the productive process

**Aline Motter Schmitz**

*alinemotter@hotmail.com*

*Universidade Estadual do Oeste do Paraná*

**Roselí Alves dos Santos**

*roseliasantos@gmail.com*

*Universidade Estadual do Oeste do Paraná*

**Resumo:** No Sudoeste do Paraná a estrutura fundiária e a organização territorial têm por base a agricultura familiar, na qual se destaca a atividade leiteira. A produção de leite faz parte das unidades de agricultores desde o processo de colonização, sendo uma atividade econômica complementar, historicamente organizada e desenvolvida pelas mulheres. Com a modernização da produção leiteira ocorreram mudanças substanciais na sua organização e no trabalho. Os homens passaram a deter o controle e o gerenciamento da produção e dos rendimentos dela decorrentes. O objetivo deste trabalho é identificar a importância da atividade leiteira para a agricultura familiar, que ganhou *status* de principal fonte de renda, e analisar a mudança na divisão sexual do trabalho e a modernização territorial do Sudoeste do Paraná.

**Palavras-chave:** Produção leiteira. Agricultura familiar. Mulheres. Gênero. Divisão sexual do trabalho.

**Resumen:** En la estructura de la tierra Paraná y organización territorial se basa en la granja familiar, donde la ganadería lechera es prominente. La producción de leche es parte de las unidades de producción del proceso de colonización, aunque la actividad, tomado como suplemento de los ingresos, fue organizado y desarrollado por mujeres. Con la modernización de lácteos se producen cambios sustanciales en su organización y el trabajo. Los hombres ahora llevan a cabo el control y la gestión de la producción y los ingresos derivados de ese incidente. En este sentido, tratamos de identificar la importancia de la ganadería lechera a la agricultura familiar, y analizar el cambio en la división sexual del trabajo y la modernización del territorio al sudoeste de Paraná.

**Palabras clave:** La producción de leche. La Agricultura familiar. Mujeres. Género. La división sexual del trabajo.

**Abstract:** In the southwestern region of Paraná, the land structure and territorial organization is based on the family farm, where dairy farming is prominent. Milk production is part of the production units since the colonization times, although the activity, taken as supplement income, was organized and developed by women. With the modernization of dairy production, substantial changes occurred in its organization. The work began to be controlled by men, holding the control and management of the production and the income resulting from it. The dairy business gained the status of the main income source of the family farm. In this sense, we seek to identify the importance of dairy farming to the family farms, and analyzing the change in the sexual division of labor and the territorial modernization of southwestern Paraná.

**Keywords:** Milk production. Family farms. Women; Gender. Sexual division of labor.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo levantar algumas questões sobre a formação do território da agricultura familiar do Sudoeste do Paraná a partir da produção leiteira, além de analisar a divisão sexual do trabalho na unidade de produção agrícola familiar e a inclusão das mulheres na produção leiteira, especialmente após a modernização agropecuária, bem como sua participação nos órgãos que representam os(as) agricultores(as) familiares. Os dados apresentados são ainda preliminares e partem da análise da participação das mulheres agricultoras familiares na produção de leite nos municípios de Francisco Beltrão e Salto do Lontra.<sup>1</sup>

A agricultura no Sudoeste do Paraná tem nas pequenas unidades de produção de base familiar a base de sua estrutura fundiária, cuja produção se caracteriza pelo uso de técnicas modernas e rudimentares no cultivo de grãos. A atividade leiteira presente desde o início da colonização da região se tornou importante fonte de renda para as famílias agricultoras, dado que as características naturais e culturais atreladas ao processo de modernização da agricultura favoreceram a produção leiteira. Também contribuiu para o aumento da produção e da produtividade a ampliação do mercado de consumidores e das políticas públicas de fomento à produção e ao consumo. O processo de modernização da agricultura contribuiu para uma modificação estrutural da cadeia produtiva e por consequência interferiu na constituição da produção leiteira nas unidades de produção nos municípios estudados.

Além da mudança na estrutura da cadeia produtiva da atividade leiteira, ocorreu também uma significativa transformação nas relações de trabalho no interior da unidade de produção, interferindo na divisão sexual do trabalho, especialmente em relação familiar. A atividade leiteira, que via de regra era secundária na geração de renda e desenvolvida essencialmente pelas mulheres, com o processo de modernização é constatado que passa a ser dominada pelo homens. Tratava-se de uma atividade com pequena fonte de renda, muitas vezes utilizada para o consumo próprio e para a aquisição de produtos

1 Pesquisa iniciada no ano de 2012 no curso de pós-graduação *stricto sensu* em nível de mestrado do curso de Geografia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, campus de Francisco Beltrão. A pesquisa conta com apoio de Bolsa da Demanda Social da Capes.

destinados à família, como roupas, medicamentos, brinquedos, itens para a decoração da casa etc. Segundo relato das próprias mulheres agricultoras em trabalho de campo, quando essa atividade não era lucrativa nem modernizada, eram elas quem a gerenciavam. Além de utilizar o produto para o consumo da família, a renda que obtinham com as vendas era usada para pequenas compras domésticas.

O setor leiteiro teve sua modernização posterior à dos demais segmentos da agricultura, ocorrendo de forma mais expressiva após a década de 1990. Assim, as formas mais rudimentares predominavam na produção leiteira e as atividades correlatas eram desempenhadas pelas mulheres. A partir desse período, com a modernização gradativa, apoiada pelas ações do governo e pelas demandas do mercado, passou a ocorrer também uma alteração na divisão sexual do trabalho nas unidades de produção.

Com o incentivo à comercialização do produto e à modernização da atividade, é o homem quem se insere e se mantém à frente da mesma, principalmente na parte técnica, no manejo dos equipamentos e na capacitação para administração e manuseio das técnicas utilizadas. Como podemos observar em trabalho de campo, a partir de relatos de técnicos agropecuários, a negociação nas cooperativas, a gestão do dinheiro e da atividade propriamente dita são assumidas pelo homem. Embora o trabalho de ordenha permaneça em muitos casos sendo realizado pelas mulheres (mãe, esposa, filhas), ele se torna invisível ou, como mostra Paulilo (1987), não é reconhecido.

A agricultura familiar no Sudoeste do Paraná possui um caráter patriarcal, como observamos durante a realização de pesquisa/extensão em 2009. Por trás dela se esconde resquícios de dominação e sujeição, especialmente de mulheres e jovens, a uma estrutura machista. A hierarquia familiar de mando do homem permanece, inclusive com a modernização da atividade leiteira, que alterou a forma de produção, mas não as relações de gênero e a sujeição. Os homens historicamente foram os administradores da unidade de produção agrícola e, com a modernização, essa estrutura é mantida, ocorrendo a exclusão das mulheres na gestão do processo produtivo de uma atividade que antes era assumida por elas, embora fosse considerada complementar.

A metodologia utilizada para este estudo consiste em revisão bibliográfica, trabalho de campo na região Sudoeste do Paraná e discussões com o Grupo de Estudos Territoriais (Geterr) e do Coletivo de Mulheres Agricultoras do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Francisco Beltrão. Como o trabalho se encontra em fase inicial e as entrevistas ainda não foram realizadas, utilizamos alguns dados dos projetos de pesquisa *Registrando a história e as experiências político-organizativas das mulheres agricultoras no Sudoeste paranaense*<sup>2</sup> e do projeto *A participação política das mulheres agricultoras do Sudoeste do Paraná no Sindicato de Trabalhadores Rurais de Francisco Beltrão*,<sup>3</sup> dados também coletados de fontes secundárias, principalmente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

2 Projeto financiado pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (Seti), por meio do Fundo Paraná, realizado no âmbito da Unioeste, *campus* de Francisco Beltrão, entre os anos de 2009 e 2011, coordenado pela professora Roseli Alves dos Santos.

3 Projeto financiado pela Fundação Araucária, realizado no âmbito da Unioeste, *campus* de Francisco Beltrão, entre os anos de 2010 e 2012, sob mesma coordenação.

## A MODERNIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DE LEITE

O leite faz parte de uma cadeia produtiva brasileira presente nos diferentes estabelecimentos agropecuários do Brasil, sendo que sua produção tem aumentado gradativamente, estimulada pelo aumento do poder de consumo da sociedade brasileira, bem como pela melhoria da capacidade produtiva, especialmente no que se refere à modernização do setor. Para Silva e Tsukamoto (2001), da modernização decorre o aumento da produtividade, que também é considerado um mecanismo para equilibrar o déficit existente, advindo dos preços baixos do leite. Os autores destacam que, nessa alternativa, os pequenos agricultores têm mais dificuldade para se modernizar e alcançar condições econômicas mais favoráveis, acabando por produzir com técnicas rudimentares ou sendo obrigados pelo setor industrial a ser modernizar a partir de um endividamento que, segundo os autores, promove uma descapitalização desse segmento.

A modernização da agricultura brasileira ocorre a partir da década de 1960, pautada em um pacote tecnológico voltado para a produção de grãos, especialmente soja, trigo e milho, o que interfere de forma indireta na modernização da pecuária bovina de corte ou leiteira. No entanto, a sua modernização direta, especialmente na produção do leite é mais recente, sendo resultado de uma série de questões, como a modernização da agricultura, a urbanização, as políticas setoriais, o aumento do poder aquisitivo da população, o crescimento e modernização da indústria láctea, entre outros.

A produção leiteira, especialmente nas pequenas unidades de produção familiar, conforme destacam Silva e Tsukamoto (2001), significa mais que uma fonte de renda, significa uma forma da utilização da mão de obra de toda a família (incluindo crianças e mulheres), e o gado representa uma reserva de valor de mais fácil liquidez, o que acaba por criar condições concretas de permanência no campo, além do fato de a comercialização do leite com entrada monetária mensal e o próprio produto e seus derivados para consumo familiar melhorarem as condições de vida das famílias agricultoras.

Como afirma Braga (2010) a modernização da produção leiteira no Brasil é recente, data principalmente da década de 1990. Embora o leite estivesse presente nas unidades de produção, o autor destaca duas fases principais na compreensão da produção: a primeira, de 1946 a 1991, quando a atividade era regulamentada pelo governo, com os preços tabelados para os agricultores e para os consumidores, e a segunda fase, a partir de 1991, quando passou a valer a lei da oferta e da procura, isto é, a partir da concorrência se intensifica e se moderniza a produção.

É justamente no pós-1990 que nos detemos para compreender o significado da produção leiteira, de forma mais específica no Sudoeste do Paraná e nos municípios de Francisco Beltrão e Salto do Lontra, objeto de nossa pesquisa.

Na tabela 1 é possível observar o aumento no efetivo de vacas ordenhadas, em torno de 13%, entre 1990 e 2010, enquanto a produção e a produtividade apresentaram aumento acima de 100%. O que pode ser compreendido como consequência da modernização do setor, que trouxe melhorias na alimentação do gado e no efetivo, nas técnicas de manejo do gado e da pastagem e, de forma menos direta, a introdução de máquinas para ordenha e resfriamento.

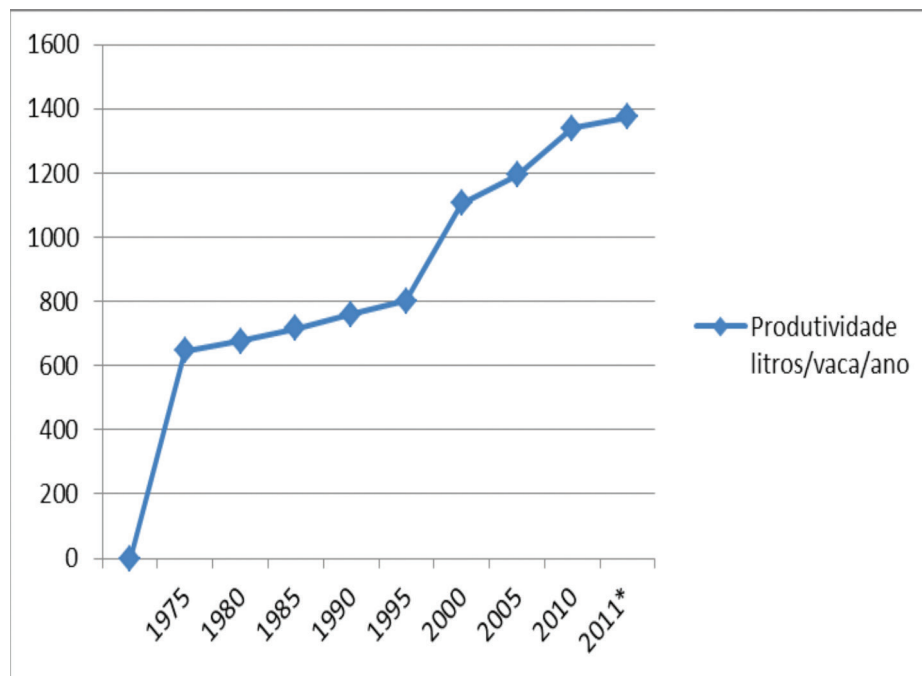
**Tabela 1** – Efetivo bovino, vacas ordenhadas e produção de leite no Brasil, 1990 a 2010

ANO	VACAS ORDENADAS CABEÇA	PRODUÇÃO DE LEITE (MIL LITROS)	PRODUTIVIDADE (LITROS/VACA/ANO)
1990	19.072.907	14.484.414	759
1995	20.579.211	16.474.365	801
2000	17.885.019	19.767.206	1.105
2005	20.625.925	24.620.859	1.194
2010	22.924.914	30.715.460	1.340

Fonte: IBGE/Censo Agropecuário. Elaboração: R. Zoccal, Embrapa Gado de Leite.

O aumento no número de consumidores e nos preços praticados também foram alguns dos fatores que estimularam o referido aumento da produção leiteira e os investimentos na mesma.

Para efeito comparativo apresentamos no gráfico 1 a produtividade por vaca desde 1975. Em 1975 a média de produção de leite por vaca ao ano não chegava aos 700 litros; a partir do ano 2000 a média foi aumentando gradativamente, e praticamente dobrou em 2010. Esse aumento é decorrente dos investimentos na produção e da melhoria de vários fatores, como a genética animal, pastagens, a modernização da atividade, entre outros.

**Gráfico 1** – Evolução na produtividade de leite por vaca no Brasil – série histórica

Fonte: IBGE/Censo Agropecuário e Pesquisa da Pecuária Municipal, 2011 (estimativa) SCHMITZ, A. M. (Org.).

Outro indicador da modernização da atividade leiteira é a evolução na quantidade de inseminação artificial no Brasil, pois houve um incentivo para a melhoria na qualidade genética do rebanho a fim de aumentar a quantidade de leite produzida por cabeça. O aumento no número de inseminação artificial foi de 18,1% de 1995 a 2010, como vemos na tabela 2.

**Tabela 2** – Evolução da inseminação artificial para produção de leite no Brasil – 1995/2010

ANO	DOSES VENDIDAS	EVOLUÇÃO %
1995	2.398.313	
2000	2.337.540	- 3,3
2005	2.845.167	10,2
2010	4.389.836	11,2

Fonte: ASBIA. Atualização maio 2011. SCHMITZ, A. M. (Org.).

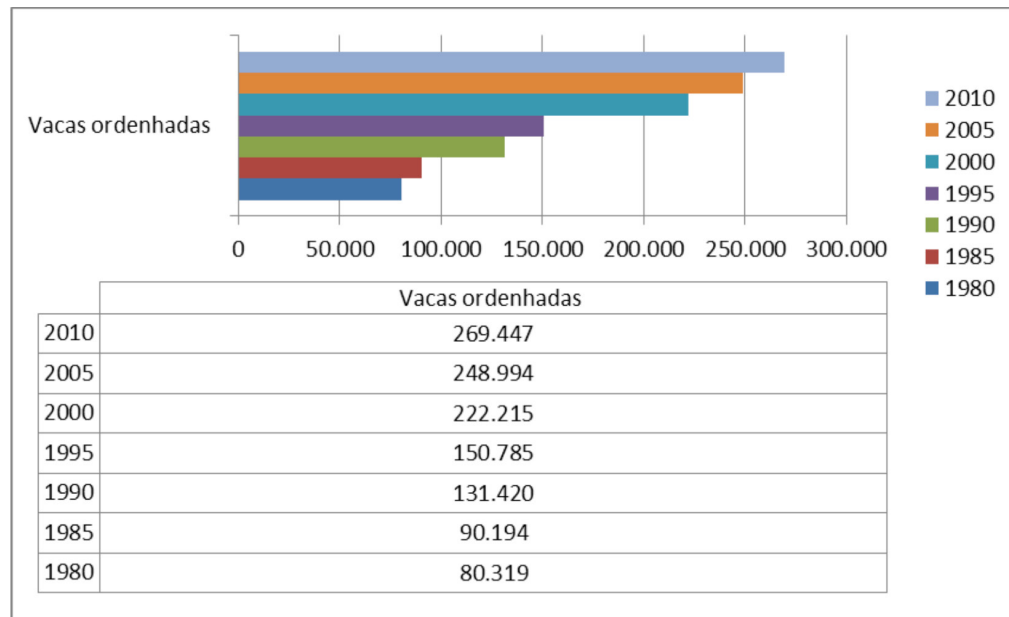
O aumento da produção leiteira foi também estimulado por políticas públicas que buscaram a melhoria da qualidade do leite e a sua padronização, pois, com a ampliação da atividade industrial do setor lácteo e da demanda por matéria-prima, a produção rudimentar foi sendo forçada a dar espaço a uma mais tecnicizada/especificada e que garantisse a padronização do produto de acordo com as demandas, especialmente do setor industrial lácteo. É nesse contexto que as normatizações que se referem à qualidade do leite, as normas de higiene e os padrões de sanidade animal passaram a ser requeridas dos produtores. Cabe destacar que tais normatizações estão atreladas a modelos de técnicas e equipamentos específicos.

A ampliação do mercado com os leites UHT, principalmente, exigem que o leite *in natura* seja processado e obtenha um tratamento rápido, o que exige uma padronização desde a unidade de produção familiar até o seu primeiro processamento. Após o mesmo o leite passa a ser comercializado para sua industrialização, por vezes, em locais muito distantes daquele de sua produção.

Da ampliação do mercado decorrem desdobramentos na organização da produção espacial. Neste trabalho nos focamos nas mudanças ocorridas no Sudoeste do Paraná e nos desdobramentos ligados à unidade agrícola familiar. Nessa região, a produção de leite, que era feita de forma rudimentar, em pequenas quantidades, vendida a preços baixos, com a ordenha e o trabalho realizados de forma manual, estava geralmente associada ao trabalho e à administração das mulheres. Com a modernização, passa a ser uma atividade realizada com o uso de equipamentos; aumentam-se a quantidade, a qualidade e o preço do produto, porém, a gestão da atividade passa a ser controlada pelos homens, embora a ordenha e o trabalho menos profissionalizado continuem sendo feitos por mulheres.

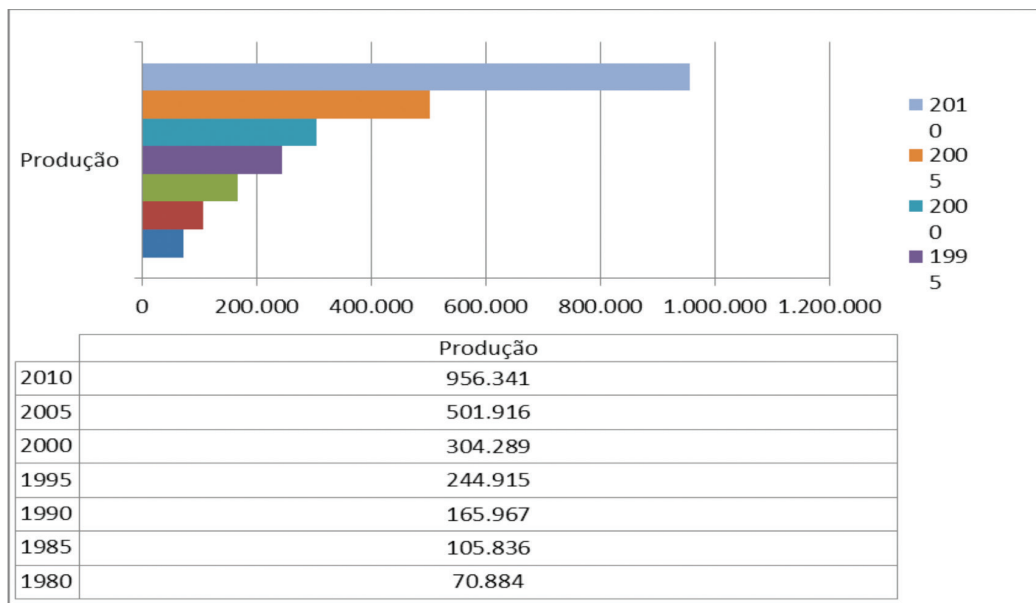
Como destaca Santos (2008), a dificuldade enfrentada pela pequena agricultura familiar na produção agrícola com base no pacote, em decorrência de inadequação ao uso do mesmo e principalmente decorrente do tamanho e dos objetivos centrados na reprodução familiar, o leite tem se tornado uma alternativa de renda. No entanto, destacamos que a mesma se estrutura a partir de uma base patriarcal forte e dominante, portanto geradora de uma outra forma de exclusão, especialmente das mulheres e das novas gerações, além da organização das unidades de produção familiar a partir da organização de uma *commodity*, dominada pelo setor industrial.

A expressividade da modernização da produção leiteira no Sudoeste do Paraná, assim como em âmbito nacional, ocorre a partir da década de 1990, sendo um dos indicadores o aumento no efetivo de vacas ordenhadas na região Sudoeste do Paraná (gráfico 2).

**Gráfico 2** – Efetivo do rebanho de vacas ordenhadas no Sudoeste do Paraná

**Fonte:** Departamento Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Deral). SCHMITZ, A. M. (Org.).

Além do aumento no número de vacas ordenhadas, há também o aumento da produção, principalmente a partir de 2000, como vemos no gráfico 3.

**Gráfico 3** – Produção de leite no Sudoeste do Paraná – Quantidade produzida (mil l)

**Fonte:** Departamento Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Deral). SCHMITZ, A. M. (Org.).

A partir da análise dos gráficos 2 e 3 compreendemos o aumento da produtividade das vacas ordenhadas, motivadas por questões já elencadas, além do acesso ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). Pois, como podemos verificar em Santos (2008), o PRONAF aumentou significativamente o incentivo de crédito para a agricultura familiar e 86% dos agricultores pesquisados pela autora utilizaram o programa para a aquisição de matrizes e novilhas de melhor genética, visando o aumento da produtividade leiteira.

Dessa forma no Sudoeste do Paraná verificamos uma tendência à modernização da produção e da ampliação da tecnificação de maneira a atender aos padrões definidos pelas empresas e cooperativas do setor lácteo.

As mudanças exigidas na atividade leiteira, ao mesmo tempo que possibilitam aos(as) pequenos(as) agricultores(as) se inserirem no mercado, excluem outros, que não podem acompanhar o processo de modernização da produção. Como principal atividade e fonte de renda, a produção leiteira, tende a ser dominada e controlada pelo chefe da família, via de regra, assumido pelo homem (pai, marido, irmão). o que se observa é portanto formas de exclusão decorrentes: das famílias que não se adequam ao modelo e nas unidades de produção das mulheres, que historicamente foram responsáveis pela produção.

Os dados apresentados na tabela 3 demonstram que os estabelecimentos não familiares (de acordo com a classificação do IBGE) têm uma média de produção de litros/dia superior aos da agricultura familiar. O que se pode destacar é que apesar da modernização e do custo econômico e social decorrentes, a produção familiar tem menor produtividade em termos da produção média de leite.

**Tabela 3** – Média de litros de leite produzidos por dia em estabelecimentos familiares e não familiares

	PRODUÇÃO FAMILIAR	PRODUÇÃO NÃO FAMILIAR
Brasil	105	241
Paraná	154	412
Sudoeste Paranaense	181	336
Francisco Beltrão	193	328
Salto do Lontra	190	411

**Fonte:** IBGE/Censo Agropecuário, 2006. SANTOS, Roselí Alves dos (Org.).

Considerando que o Sudoeste do Paraná é estruturado a partir da agricultura familiar, a qual representa 89% do número de estabelecimentos e ocupa 58% da área total, esses valores colocam a agricultura familiar em destaque em relação ao total brasileiro e do Paraná, principalmente quando nos referimos à área ocupada pela agricultura familiar, sendo respectivamente de 24% e 27%. Além do aspecto quantidade destacamos também a capacidade organizativa da agricultura familiar, representada por sindicatos de trabalhadores da agricultura familiar, cooperativas solidárias de crédito, comercialização, produção e assistência técnica, entre outras formas.

A organização dos agricultores familiares no Sudoeste do Paraná não representou uma oposição ao processo de modernização. Embora o debate sobre a diversificação da



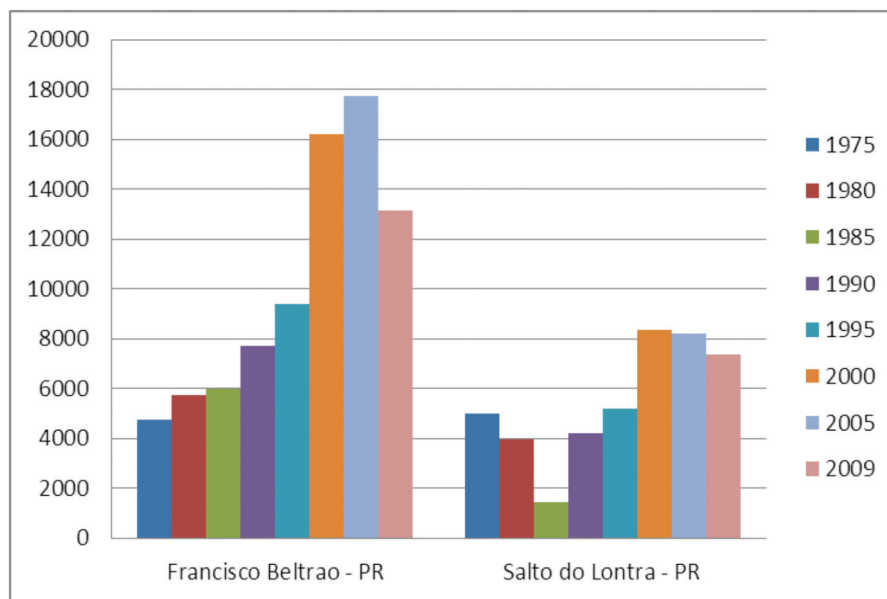
produção como estratégia de desenvolvimento econômico, social e ambiental da agricultura familiar esteja presente na meta dessas organizações, há predominância de uma agricultura convencional, baseada no pacote tecnológico econômico. Assim, são as *commodities* que se destacam e para elas se direcionam as políticas de crédito e assistência técnica, mesmo que em muitos casos, em decorrência do tamanho das unidades de produção, elas sejam consideradas inapropriadas.

O leite, embora seja uma *commodity* e siga a lógica predominante do mercado internacional, nas pequenas unidades de produção representa uma possibilidade de complementação da renda quando produzido nas áreas menos mecanizadas e muitas vezes tem se transformado na principal fonte de renda em muitos estabelecimentos. O incremento produtivo, o mercado local estabelecido e os incentivos creditícios favorecem a sua produção e ampliação.

De acordo com os dados do Perfil Pecuário Municipal, o Sudoeste do Paraná ocupa o segundo lugar no ranking da produção leiteira do Paraná, com 24% da produção total em 2011. Nesse sentido, Vieira (2007), afirma que a modernização da atividade fez com que ocorresse aumento da mesma. As tecnologias implantadas, o melhoramento na pastagem e a inseminação artificial foram fatores determinantes para a melhoria da qualidade genética do rebanho, comprovando que, ao se investir na produção, aumentam-se os lucros na hora da comercialização.

Por outro lado, atendendo às demandas das indústrias e das normativas, a modernização da produção e de seu manejo é inevitável. O gráfico 4 demonstra o aumento efetivo no número de vacas ordenhadas nos municípios de Francisco Beltrão e de Salto do Lontra. Para atender a essa ampliação, os agricultores optaram pela alimentação à base de ração ou complementos com silagens.

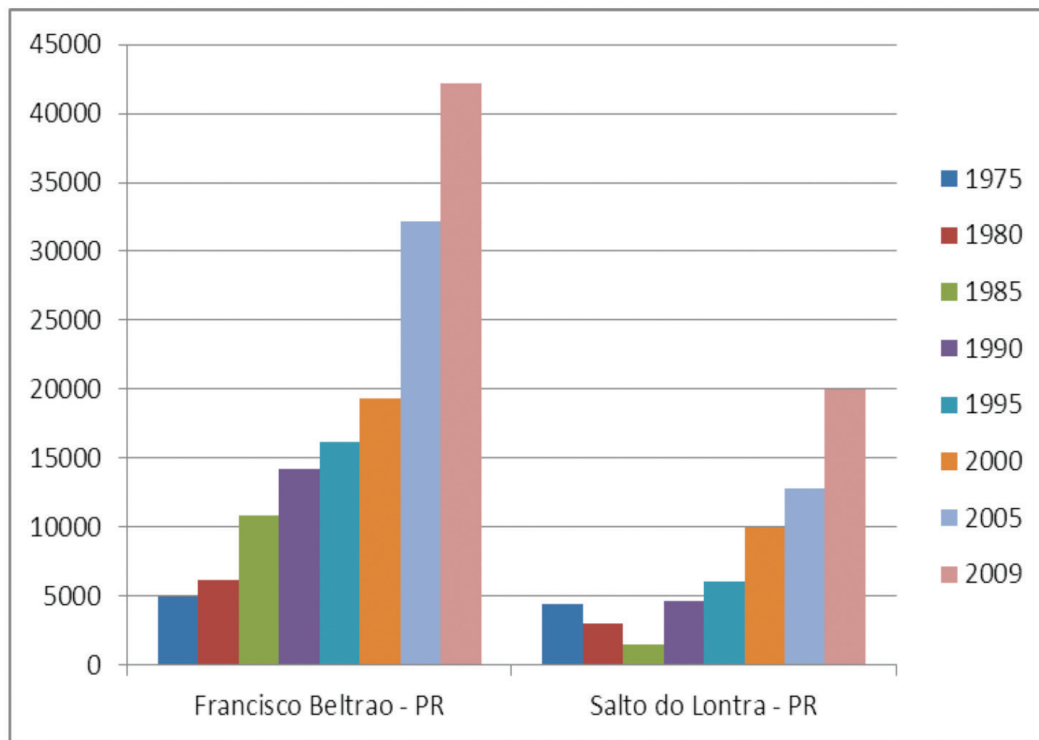
**Gráfico 4** – Vacas ordenhadas – Francisco Beltrão e Salto do Lontra



Fonte: IBGE/Pesquisa pecuária municipal. SCHMITZ, A. M. (Org.).

No gráfico 5, percebemos o aumento da produção principalmente a partir do ano 2000, sendo interessante comparar os gráficos 4 e 5 e verificar que o número de vacas ordenhadas diminuiu, mas a quantidade da produção de leite aumentou, resultando no aumento da produtividade e, com este, na integração ao modelo de modernização.

**Gráfico 5** – Produção de leite/mil litros – Francisco Beltrão e Salto do Lontra



Fonte: IBGE/Pesquisa pecuária municipal. SCHMITZ, A. M. (Org.).

O leite na agricultura familiar tem sido uma fonte de renda importante. Muitos agricultores que não conseguem uma adequação total aos padrões exigidos, buscam formas de produção, realizando adequações, mudando a forma de alimentação com o uso de rações industrializadas, diminuindo o uso de mão de obra, entre outras formas de adaptação, entregando conjunto o leite em nome de uma única pessoa, são ações que conseguem burlar por um período de tempo as exigências do setor. No entanto, o aumento do rebanho exige um trabalho árduo dos agricultores e, à medida que o leite ganha destaque na economia dos estabelecimentos, passa a demandar uma adequação também aos padrões de tecnificação.

Assim, com o aumento da produção, há mudança na forma de produzir, reduzindo-se o trabalho físico em algumas etapas, mas aumentando-se em outras, principalmente na alimentação do rebanho e na higienização dos equipamentos de ordenha, resfriamento etc., trabalho realizado em grande parte pelas mulheres. Contraditoriamente os cursos de manejo da produção leiteira e da produção agrícola em geral, conforme

observado por um dos veterinários da Prefeitura de Francisco Beltrão, têm a participação maciça de homens.

A atividade leiteira se tornou uma importante fonte de renda para a agricultura nos últimos anos, acarretando também a mudança na gestão da atividade. Braga e Schmitz (2011), acrescentam:

O papel da mulher, embora não seja reconhecido, é fundamental em uma atividade que é responsável pela manutenção de muitos estabelecimentos familiares no Sudoeste do Paraná. Conforme se moderniza a produção é o homem quem assume a gestão da atividade, segundo relato das mulheres agricultoras. O homem se insere e se mantém à frente da produção leiteira, principalmente na parte técnica, de equipamentos, conversas com os técnicos, negociação nas cooperativas, gestão do dinheiro e da atividade, e a mulher, apesar de possuir dupla jornada de trabalho, como dona de casa e como agricultora, muitas vezes não tem seu trabalho reconhecido (BRAGA; SCHMITZ, 2011. p. 3).

Paulilo et al. (2000) afirma que a atividade leiteira sempre foi predominantemente feminina, tanto no Brasil como em todo o mundo, porém as novas exigências tecnológicas e de mercado parecem estar alterando esse padrão. Conforme a modernização da atividade se expande, a mulher perde seu espaço para o homem, principalmente no que diz respeito à administração do negócio.

Menasche e Belém (1998) mostram que, na pesquisa realizada pelo Departamento Sindical de Estudos Rurais (DESER) em 1995, na região Sudoeste e Centro do Paraná, para os agricultores familiares do sul do país descendentes de europeus, “leite é coisa de mulher”. Era costume a mulher receber como dote uma novilha ao casar, ou seja, era tido como natural o trabalho da mulher na atividade leiteira, sendo que os meninos nem sequer aprendiam a tirar leite até pouco tempo atrás.

Em 1995 as atividades do leite eram realizadas geralmente pelas mulheres, predominantemente de forma rudimentar, manual. As atividades cotidianas como a preparação dos utensílios para a tirada do leite, o trato das vacas e o cuidado com os terneiros eram realizadas pelas mulheres, e as atividades não cotidianas como o cuidado com a cerca elétrica e com o pasto eram feitas pelos homens, com exceção da aquisição de utensílios e de questões relacionadas a inseminação artificial e venda de animais, que eram discutidas com toda a família. Assim, antes de os homens se inserirem no controle da atividade, as mulheres assumiam o papel de ordenhar as vacas e de cuidar da produção como uma forma natural (Menasche e Belém, 1998). Percebemos então que as atividades cotidianas na produção leiteira são desenvolvidas principalmente pelas mulheres, enquanto as atividades não cotidianas são executadas pelos homens, sendo nítida a divisão sexual do trabalho.

## A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA PRODUÇÃO LEITEIRA

O trabalho das mulheres na agricultura em geral é considerado como *ajuda*, é *desvalorizado*, pois, apesar de elas possuírem dupla ou tripla jornada de trabalho, isso muitas vezes é invisível aos olhos da família. O homem é considerado o *chefe* da família e é ele quem tem o

poder para tomar as decisões referentes à unidade de produção, tanto em relação à administração, quanto ao gerenciamento do dinheiro. Assim, os filhos (homens) também são preparados para gerenciar a produção, enquanto as filhas (mulheres) não têm o mesmo incentivo, e conseqüentemente não conseguem independência financeira com renda proveniente da unidade produtiva. Outro fator que colabora para a divisão sexual é que os homens são mais bem preparados para o uso das tecnologias no campo, pois os cursos de aperfeiçoamento e capacitação para a produção agrícola são frequentados por eles, na maioria das vezes, e não por mulheres, evidenciando uma estrutura familiar patriarcal.

O patriarcado é compreendido pelas geógrafas feministas como um sistema de relações hierarquizadas no qual os seres humanos detêm poderes desiguais, com a supremacia da autoridade masculina sobre a feminina em diversos aspectos da vida social, abrangendo desde os sistemas econômicos e sistemas jurídico-institucionais até os regimes cotidianos do exercício da sexualidade (SILVA, 2009, p. 33).

O patriarcado é um sistema que está impregnado no modo de vida da população, suas conseqüências se refletem no cotidiano, nas relações familiares e sociais. Nas unidades de produção agrícola da região Sudoeste do Paraná percebemos que esse sistema permanece fortalecido principalmente por meio da dependência financeira das mulheres para com os homens, pois, na divisão sexual do trabalho na agricultura, cabe aos homens administrar as finanças; enquanto as mulheres ficam mais restritas ao espaço privado, os homens têm mais participação nos espaços públicos. Para García-Celay e Navarro (2002), a divisão do trabalho segundo o gênero faz com que as mulheres arquem com o trabalho não remunerado (trabalho doméstico, cuidado com as pessoas: crianças, idosos, enfermos etc.).

Essa estrutura patriarcal, amplamente presente na agricultura da região Sudoeste do Paraná, consolida-se também na produção leiteira. Antes da modernização tecnológica da produção, a atividade era um saber passado de mãe para filha e realizada de forma rudimentar. A imagem 1 retrata o trabalho feminino manual na produção leiteira.

**Imagem 1** – Ordenha manual do rebanho bovino. Representação do trabalho feminino



**Fonte:** Trabalho de campo, 2010, Francisco Beltrão – PR.

Menasche e Belém (1998, p. 141) destacam que “quando ocorre a mudança da comercialização láctea no Brasil, deixa-se de tomar leite para vender”, o que revela uma forma de subordinação a um modelo imposto. O leite que era uma forma extra de acesso, não apenas da mulher mas da família, a uma qualidade de vida no consumo do leite e dos derivados e no acesso a outros produtos com a renda obtida pela comercialização do seu excedente. O chamado “dinheiro das mulheres” obtido pela venda do leite, acaba se transformando na renda principal da unidade de produção e portanto, não permite a mulher uso de acordo com suas definições pessoais, pois passa a ser uma das principais fonte de renda da agricultura familiar. A partir de assistência técnica e do estímulo à produção, os(as) agricultores(as) investem na quantidade e na qualidade do leite, e a produção leiteira deixa de ser apenas um complemento de renda e passa a ter a mesma ou maior importância que outras atividades agrícolas, trazendo os homens para o controle da produção.

Mesmo a atividade leiteira se tornando importante para a agricultura familiar do Sudoeste do Paraná, a renda proveniente dela geralmente é utilizada para suprir as demandas mais urgentes da família, é usada para as despesas da casa, como pagamento da luz, compras no mercado e na educação dos filhos.

Na perspectiva de gênero, quando se fala em dinheiro, essa é uma tarefa que a sociedade atribui aos homens e, no caso da produção leiteira, a partir da modernização, são eles quem a gerenciam, enquanto as mulheres continuam com o trabalho cotidiano, não remunerado e repetitivo. O trabalho da mulher na produção leiteira está relacionado principalmente com a ordenha das vacas, a limpeza dos equipamentos, entre outros, sendo apenas alguns serviços compartilhados entre ambos os sexos. Em ocasiões em que é necessário alguém se afastar da produção para participar de reuniões, assembleias e cursos de capacitação técnica, em geral é o homem quem o faz, visto que as mulheres ficam responsáveis pelos serviços cotidianos e os homens cuidam mais do gerenciamento da produção.

É a partir da modernização da atividade que as mulheres perdem o controle na gestão da produção, permanecendo a hierarquia familiar, mas alterando-se o rendimento na atividade, que antes era apenas um complemento na alimentação e na renda das mulheres. Nesse modelo, em que o homem é o chefe da família, este passa a gerenciar a produção. Na imagem 2, observamos a ordenha mecânica de vacas leiteiras, introduzida na atividade pela modernização.

As políticas de investimento possibilitaram a modernização da atividade leiteira, o que ocorreu principalmente por meio do PRONAF. No entanto, muitos(as) agricultores(as) não conseguiram acompanhar o processo de modernização, o que ocasionou uma redução do número de produtores tanto em nível nacional, quanto no Paraná e no Sudoeste do estado paranaense, diminuindo em 23% o número de produtores. Isso também se deveu ao aumento das exigências sanitárias, na mecanização da produção e no transporte, fatores determinantes para a exclusão de pequenos produtores da cadeia produtiva (BRAGA, 2010).

Em razão das dificuldades encontradas pelos(as) agricultores(as) em se inserir no modelo de produção tecnificada, eles(as) buscam se unir em associações e cooperativas. Nem todos os(as) associados(as), no entanto, são politicamente ativos, principalmente as mulheres, pois a participação delas nos órgãos representativos da agricultura

familiar ainda é restrita, visto que as atividades agrícolas ficam sob sua responsabilidade, enquanto seu companheiro atua e participa de reuniões, dos cursos de capacitação e das decisões.

**Imagem 2** – Ordenha moderna do rebanho bovino



**Fonte:** Agromundo. Disponível em: <<http://www.agromundo.com.br/?p=17817>>. Acesso em: 31 maio 2012.

Diante da modernização da produção leiteira, em que agricultores descapitalizados têm dificuldades em acompanhar esse processo e também frente à concentração da atividade leiteira pelas grandes multinacionais, o cooperativismo surge como uma forma de organização que pode dar mais autonomia ao agricultor, possibilitando a disponibilidade de financiamentos para investimentos, além da implantação de estratégias que possibilitem renda maior aos agricultores como, por exemplo, a produção de leite a baixo custo. Com base nesses pressupostos e no chamado Cooperativismo de Interação Solidária, com propostas diferentes do chamado cooperativismo de gestão empresarial, é criada a Cooperativa de Leite da Agricultura Familiar (Claf), alicerçando-se no histórico do cooperativismo, associativismo e outras formas de organizações, tanto formais como informais do Sudoeste paranaense (BRAGA, 2010, p. 47).

Assim como na sociedade capitalista, baseada na divisão de classes e na dominação de uma sobre a outra, no patriarcado há a dominação do homem sobre a mulher. Na região Sudoeste do Paraná, além de administrar a unidade de produção, os homens também são os principais representantes da agricultura familiar em seus órgãos representativos (sindicatos, cooperativas, associações, etc.), pois as mulheres, apesar de trabalharem

na produção, raramente assumem cargos nas direções e possuem menor participação que os homens e reuniões e assembleias.

Neste sentido, a região Sudoeste do Paraná apresenta uma agricultura caracterizada por ser um espaço familiar patriarcal com a predominância de pequenas unidades de produção que têm lutado para se manter e melhorar as condições de vida por meio de diversas formas de organização associativas e/ou cooperativas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O território da agricultura familiar do Sudoeste do Paraná foi reestruturado a partir da modernização da atividade leiteira. Esta, como vimos, passa por profunda modificação estrutural. De uma atividade que era realizada de forma rudimentar, em pequena quantidade e de forma manual, passa a uma atividade inserida no mercado regional/mundial, realizada com modernas tecnologias, com a ordenha feita de forma mecânica. A partir daí os(as) pequenos(as) agricultores(as) passam a competir no mercado.

A divisão sexual do trabalho é nítida na produção leiteira, uma vez que o trabalho repetitivo, menos profissionalizado e cotidiano na maior parte das vezes fica sob a responsabilidade das mulheres, enquanto o trabalho mais tecnicado e não cotidiano é geralmente realizado por homens. As mulheres, que antes utilizavam a produção de leite para conseguir uma renda própria, após a modernização da produção, perdem esse espaço, pois na maioria dos casos quem passa a controlar a renda proveniente do leite são os homens. Apesar de a mulher ter um trabalho extensivo na produção leiteira, em geral no processo de comercialização os compradores reconhecem os homens como chefes, procurando-os na hora das negociações.

Nesse sentido, a expansão do capital no Sudoeste do Paraná afeta a vida das mulheres, principalmente com a incorporação do pacote tecnológico na agricultura, que a exclui do processo de produção. A mão de obra utilizada na agricultura diminui, porém há um processo de exclusão das mulheres, pois equipamentos modernos são introduzidos, o trabalho torna-se qualificado, mas são os homens que têm acesso aos cursos de manejo agrícola. Além de o trabalho das mulheres ser considerado como ajuda, a maioria delas não consegue independência financeira, autoridade nem autonomia para participar das entidades representativas da agricultura familiar, nem tem sua própria renda, já que a renda da unidade de produção é administrada pelo homem.

Mesmo com a característica de permanecer no âmbito privado, muitas mães incentivam as filhas a estudar e muitas delas deixam a unidade de produção à procura de espaço nos núcleos urbanos, ocorrendo, assim, um processo de masculinização do campo. (de acordo com o Censo do IBGE, no Sudoeste paranaense 52,24% da população do campo em 2010 era composta por homens). O principal fator do êxodo de mulheres para a cidade e para outras regiões é a dificuldade da vida no campo para elas, pois não há valorização de seu trabalho e, muitas vezes, nem o reconhecimento na categoria de agricultora.

## REFERÊNCIAS

- AGROMUNDO. Disponível em: <<http://www.agromundo.com.br/?p=17817>>. Acesso em: 31 maio 2012.
- ALVES, F. A. et al. Sudoeste paranaense: colonização, estrutura fundiária e indicadores da modernização agrícola. In: **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens**. Francisco Beltrão: Unioeste, 2005. p. 149-170.
- ANDRADE, M. C. **A questão do território no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2004. 135 p.
- ASBIA. **Associação Brasileira de Inseminação Artificial**. Atualização maio 2011. Disponível em: <<http://www.cnp.gl.embrapa.br/nova/informacoes/estatisticas/insumo/tabe.php>>. Acesso em: 15 maio 2012.
- BRAGA, L. C. **A territorialização da produção leiteira e fumageira na Linha Itaíba, Marmeleiro - PR**. 2010. 190 f. Dissertação (Mestrado em Geografia, área de concentração: Produção do espaço e meio ambiente) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2010.
- BRAGA, L. C.; SCHMITZ, A. M. A produção leiteira no Sudoeste do Paraná: com enfoque ao trabalho da mulher. In: XVI ENCONTRO DE GEOGRAFIA DA UNIOESTE FRANCISCO BELTRÃO E X ENCONTRO DE GEOGRAFIA DO SUDOESTE DO PARANÁ. 2011, Francisco Beltrão. **Anais...** Francisco Beltrão: Unioeste/Colegiado de Geografia, 2011.
- BRUMER, A. Gênero e agricultura: A situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Estudos Feministas**, Florianópolis, jan./abr., 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n1/21699.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2010.
- GARCÍA-CELAY, L. M; NAVARRO, M. N. **El Patriarcado: una estructura invisible**, jul. 2002. Disponível em: <<http://www.stopmachismo.net/marmar2.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2012.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo agropecuário de 2006**. Pessoas que dirigem os estabelecimentos agropecuários por sexo e nível de instrução da pessoa que dirige o estabelecimento e grupos de área total. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 26 maio 2011.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Agropecuário e Pesquisa da Pecuária Municipal. R. Zoccal. In: **Embrapa Gado de Leite**. Atualização: fev. 2012. Disponível em: <<http://www.cnp.gl.embrapa.br/nova/informacoes/estatisticas/producao/tabela0232.php>>. Acesso em: 20 maio 2012.
- MAGALHÃES, R. S. A masculinização da produção de leite. In: **Revista Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 47, n. 1, mar. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20032009000100010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20032009000100010&script=sci_arttext)>. Acesso em: 5 maio 2010.
- MENASCHE, R.; BELÉM, R. da C. **Gênero e agricultura familiar: Trabalho e vida na produção de leite do Sul do Brasil**, jun. 1998. Disponível em: <[http://www.ufcg.edu.br/~raizes/artigos/Artigo\\_137.pdf](http://www.ufcg.edu.br/~raizes/artigos/Artigo_137.pdf)>. Acesso em: 28 jan. 2010.
- PAULILO, M. I. S. et al. **Movimento de mulheres agricultoras: terra e matrimônio**. Algumas questões de gênero na agricultura familiar, UFSC, jun. 2000. Disponível em: <<http://www.sociologia.ufsc.br/cadernos/Cadernos%20PPGSP%2021.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2010.
- \_\_\_\_\_. Mulher e atividade leiteira: a dupla face da exclusão. In: **Cadernos de Pesquisa**, PPGSP/UFSC, n. 21, jun. 2000.
- \_\_\_\_\_. O peso do trabalho leve. In: **Revista Ciência Hoje**. Departamento de Ciências Sociais - UFSC, n. 28, 1987.
- PROJETO DE PESQUISA A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DAS MULHERES AGRICULTORAS NOS SINDICATOS DOS TRABALHADORES RURAIS DE FRANCISCO BELTRÃO. **Banco de dados**. Unioeste, Francisco Beltrão, 2011/2012.
- PROJETO DE PESQUISA E EXTENSÃO REGISTRANDO A HISTÓRIA E AS EXPERIÊNCIAS POLÍTICO-ORGANIZATIVAS DAS MULHERES AGRICULTORAS DO SUDOESTE DO PARANÁ. **Banco de dados**. Unioeste, Francisco Beltrão, 2010.



- RAFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.
- RIBEIRO, C. R. et al. Narrativa resultado do projeto de pesquisa e extensão “Registrando a história e as experiências político-organizativas das mulheres agricultoras no Sudoeste Paranaense” - Programa: **Universidade Sem Fronteiras**, Subprograma Diálogos Culturais, realizado na Uniãoeste, Francisco Beltrão, 2010.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Edusp, 2006.
- SANTOS, R. A. dos. **O processo de modernização da agricultura no Sudoeste Paranaense**. 2008. 246 p. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista “Julio Mesquita Filho”, Presidente Prudente, SP, 2008.
- \_\_\_\_\_. A participação política das mulheres agricultoras nas organizações populares e sindicais no Sudoeste do Paraná. IN: **Geo UERJ**, ano 12, v. 2, n. 21, 2º semestre de 2010.
- SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções do território**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007. 200 p.
- SCHMITZ, A. M. **Geografia e gênero: a participação das mulheres agricultoras no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Francisco Beltrão**, PR. Francisco Beltrão, PR. 2011. 83 f. Monografia (Graduação em Geografia bacharelado) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Francisco Beltrão, 2011.
- SCHMITZ, A. M.; ANTONELLO, J. A.; SANTOS, R. A. A modernização da agricultura em Francisco Beltrão: Mudanças e permanências. In: IV SEET SEMINÁRIO ESTADUAL DE ESTUDOS TERRITORIAIS E II SNMT SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE MÚLTIPLAS TERRITORIALIDADES. 2009. Francisco Beltrão. **Anais...** Francisco Beltrão: Uniãoeste/Geterr, 2009. p. 169-186.
- SILIPRANDI, E. Um olhar ecofeminista sobre as lutas por sustentabilidade no mundo rural. In: **Revista Agriculturas: Experiências em Agroecologia**. Disponível em: <[http://agriculturas.leisa.info/index.php?url=articledetails.tpl&p\[\\_id\]=238392](http://agriculturas.leisa.info/index.php?url=articledetails.tpl&p[_id]=238392)>. Acesso em: 05 mar. 2010.
- SILVA, J. M. Fazendo geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. In: SILVA, Joseli Maria (Org.). **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa, PR: Todapalavra, 2009. p. 25-53.
- SILVA J. A.; TSUKAMOTO R. Y. A modernização da pecuária leiteira e a exclusão do pequeno produtor. Londrina, v. 10, n. 2, dez. 2001. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/8574>>. Acesso em: 16 jul. 2013.
- VIEIRA N. A. J. et al. Pastagens e produção de leite nas regiões Sudoeste e Oeste do Paraná: Referências técnicas para a melhoria de sistemas produtivos da agricultura familiar. In: **Qualificação do Crédito Rural - governo do Paraná**. Curitiba: Emater, 2007.

<p>Recebido em 12/11/2012 Aceito para publicação em 19/06/2013</p>
--